

JOHN DEWEY E O PARADOXO DO CONHECIMENTO: uma crítica aos modelos de educação

John Dewey and the paradox of knowledge: a criticism of educational models

Cláudio Jean Cardoso¹

Resumo: O presente artigo consiste em apresentar a proposta do modelo educacional de Dewey e a relação entre educação tradicional e progressiva, bem como os métodos de continuidade e interação na aplicabilidade da educação e sua relevância, tendo como premissa a crítica feita pelo autor a esses modelos. Consiste em analisar e discutir, a partir de bibliografias já publicadas, as obras que relatam o processo educacional desenvolvido pelo autor, sendo uma revisão de literatura, coleta e análise de dados com natureza da pesquisa básica buscando satisfazer uma necessidade intelectual pelo conhecimento, tendo como meta o saber, com uma abordagem qualitativa. Ao final desta pesquisa teórica, reconhece-se que o conteúdo não se esgota somente aqui, e que o ser humano é um ser que se constrói diante das experiências que vai tendo durante a sua vida, ou seja, um constante construir-se e construir a vida.

Palavras-chave: Dewey. Educação. Métodos. Experiências.

Abstract: This article is to present the proposed educational model of Dewey and the relationship between Traditional Education and Progressive, and the methods of continuity and interaction on the applicability of education and its relevance, taking as its premise the criticism made by the author of these models. It is to analyze and discuss, from bibliographies already published works that relate the educational process developed by the author. It is a literature review, collection and analysis of data with the nature of basic research seeking to satisfy an intellectual need for knowledge with the goal of knowledge. With a qualitative approach. At the end of this theoretical research, it recognizes that the content is not limited only here, and that the human being is a being built on the experiences they will have during their lifetime, that is, a constant build up and build life.

Keywords: Dewey. Education. Methods. Experiences.

Introdução

O ser humano, por muitas vezes, se vê envolto em questões que o deixam intrigado. Diante de tamanha perplexidade em que o Homem se encontra com relação às grandes transformações no conhecimento e no mundo moderno, vemos que cada vez mais surgem problemas relacionados à política, na família e na própria educação.

As várias concepções de educação desenvolvidas na história estão ligadas a crenças sobre o conhecimento e sobre o papel da educação na vida cotidiana das pessoas e na sociedade. Recentemente, percebeu-se uma nova roupagem na educação, que passou a ter certa denominação ou nomenclatura, a qual se chamou educação tradicional e a progressiva ou nova.

Assim, buscaremos abordar nesse artigo o modelo educacional proposto por Dewey, em que se buscará refletir sobre a relação entre esses dois novos modos de Educação, bem como os métodos de continuidade e interação na aplicabilidade da educação. Para tanto, explanaremos as críticas de Dewey a esses modelos, ressaltando algumas de suas propostas específicas à educação e procurando compreender a noção educacional de Dewey e sua definição dos métodos de continuidade e interação no processo educativo dos jovens.

Com o objetivo de destacar a crítica do autor à educação tradicional e à educação progressiva, conceituar, como já dito, continuidade e interação no pensamento de Dewey, serão

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniasselvi.com.br

apresentadas algumas propostas específicas de Dewey à educação, tendo como meio a revisão de literatura, coleta e análise de dados com natureza da pesquisa básica, buscando satisfazer uma necessidade intelectual pelo conhecimento, tendo como meta o saber com uma abordagem qualitativa. A realização dos objetivos será explicativa, dando ênfase aos procedimentos técnicos de cunho bibliográficos.

O presente artigo de revisão consiste em analisar e discutir, a partir das bibliografias já publicadas, as obras que relatam o processo educacional desenvolvido por John Dewey, como *Experiência e Natureza*, *Vida e Educação*, *Filosofia em Reconstrução* e outras obras que abordem os métodos de continuidade e interação e a relação entre educação tradicional e progressiva.

Educação tradicional e educação progressiva

A educação tradicional, que se estrutura melhor por volta do século XIX, é caracterizada pelo modo que se dá, na visão de Dewey (1954), de cima para baixo, ou de fora para dentro, com a função de transmitir conteúdo e padrões morais, vista como transmissão de regras e comportamento. Acreditava-se que as crianças eram como que “tábulas rasas”, e que deveriam ser preenchidas com conhecimento, mas, para que isso pudesse acontecer de uma maneira eficaz, o aluno deveria ser dócil, receptivo e obediente.

Já a educação progressiva ou nova tinha como características, entre outras, a individualidade, aprende-se por experiência, cada aluno busca aprender por si, com sua experiência. Propunha-se gerar uma forma que fizesse com que os alunos se interessassem pelo que se vive, pois somente assim se teria um bom resultado na educação. Todo o processo educacional se daria de dentro para fora, de baixo para cima.

Cada uma dessas teorias traz avanços, pontos positivos, mas também problemas. Podem ora desenvolver uma personalidade excessivamente tímida e retraída, que é o caso da educação tradicional, ora excessivamente extravagante e desregrada, caso da educação progressiva. Por conta de exageros em ambas é que se aborda o pensamento do filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey, que vem com uma tentativa de resposta a essas questões, sendo um dos maiores críticos tanto da educação tradicional quanto da progressiva.

Dewey nasceu em 20 de outubro de 1859 na cidade de Burlington, Vermont, e foi de grande influência para a educação norte-americana. Ainda hoje há traços fortes de suas reflexões acerca da educação e do conhecimento. Em 1952, Dewey faleceu com 93 anos.

Para refletir acerca do processo educacional e cogitar modos para que seja posto em prática, buscamos apresentar o modelo Educacional proposto por Dewey (1954, 1971, 1979), abordando a educação tradicional e a progressiva e também conceituar continuidade e interação.

Educação tradicional

No decorrer histórico, a educação esteve presente em grande parte dos momentos da vida do ser humano. Com todo esse processo, surge um modelo denominado educação tradicional.

Com o surgimento da escola tradicional, as escolas tornam-se “[...] instituições radicalmente diferentes das outras instituições sociais. Possuem regras e horários próprios, modo de classificação de indivíduos, métodos avaliativos etc.” (DEWEY, 1971, p. 4).

Esse modelo é marcado por características específicas do aluno que deve ser dócil, obediente e receptível, e os mestres são os principais agentes transmissores do conhecimento.

A atitude dos alunos, de modo geral, deve ser de docilidade, receptividade e obediência. Livros, especialmente manuais escolares são os principais representantes do conhecimento e sabedoria do passado e os professores são os órgãos por meio dos quais os alunos entram em relação com esse material (DEWEY, 1971, p. 5).

É o modelo que se dá de cima para baixo, de fora para dentro, deixando-se assim de lado os fatores internos da criança e dando maior atenção aos fatores externos.

O erro da educação tradicional não estava na ênfase que dava às condições externas, que entram no controle da experiência, mas na quase nenhuma atenção aos fatores internos que também decidem quanto à espécie de experiência que se tem. (DEWEY, 1971, p. 5)

Esse processo não poderia ser possível, pois o aluno acaba simplesmente se tornando um mero receptor de informações e não se torna agente de sua formação. No modelo de educação Tradicional, o principal objetivo proposto é o de preparar os jovens para as suas futuras responsabilidades, visando, assim, ao sucesso em sua vida. No entanto, isso ele só vai adquirir por meio de um corpo organizado de informação e com formas de habilitação, que vão constituir o material que possibilitará a instrução dos jovens, porém de modo imposto, não respeitando, na maioria das vezes, as vontades de cada indivíduo. Para que haja essa instrução, “[...] os jovens necessitam, em grande parte, serem dotados de uma conduta que seja condizente ao aprendizado. Esses alunos devem ter atitudes de docilidade, receptividade e obediência” (DEWEY, 1971, p. 5).

Os principais responsáveis pelo processo educacional dos jovens são os professores, ou mestres, são esses “os agentes de comunicação e das habilitações e de imposição das normas de conduta” (DEWEY, 1971, p. 5). Esses mestres são os principais responsáveis por fazer com que os jovens entrem em contato com os livros e manuais escolares. Esses manuais são os principais meios de conhecimento e sabedoria do passado e os professores devem ser verdadeiros representantes do saber e, conseqüentemente, meios pelos quais os alunos entram em contato com esses materiais.

Percebe-se então que o modo pedagógico educacional proposto na educação tradicional, em um paradigma que se dá de cima para baixo, de fora para dentro, “[...] é um sistema que simplesmente impõe padrões, normas que devem ser cumpridas e seguidas sem contestação, opondo-se, muitas vezes, ao cultivo da individualidade, e à disciplina externa” (DEWEY, 1971, p. 5). Nesse sistema, aprender significa adquirir o que já está incorporado aos livros e à mente dos mais velhos.

Contudo, para Dewey (1979), esse processo não poderia ser possível, pois o aluno acaba se tornando um mero receptor passivo de informações e não se torna agente, protagonista de sua formação. Assim, o erro da educação tradicional não se limitava somente à ênfase nas condições externas, mas “[...] o principal problema estava relacionado a não dar quase nenhuma atenção aos fatores internos” (DEWEY, 1979, p. 35), das vontades e anseios dos jovens, que também decidem quanto à espécie de experiência que se tem, visando que o jovem seja ativo no processo educativo.

Outro fator importante a ser considerado, e que faz com que o sistema de educação tradicional caia em erro, segundo Dewey (1979), refere-se aos professores, que tomavam sobre si toda a responsabilidade de promover o meio educativo. O problema estava em não considerarem as capacidades e os propósitos daqueles a que se propunham a educar, simplesmente impondo conteúdos que eram decorados e que, com o passar do tempo, seriam esquecidos.

Muitas vezes, é necessário que o educador mantenha uma relação que envolva contato e comunicação com o jovem educando, para que esse também possa contribuir no seu crescimento e amadurecimento intelectual. No entanto, isso não ocorre no modo de educação tradicional, não se visa a atender às necessidades dos jovens, mas sim fazer com que aprendam aquilo que uma instituição ou alguém acha que seja o melhor, e não se conhece a realidade, a vontade de cada jovem.

Educação progressiva ou nova

A educação progressiva surge como uma resposta ao modelo de educação tradicional, buscando apresentar algumas falhas que, por conseguinte, levam ao erro. Com isso, tentam-se apresentar algumas possibilidades de um novo modelo de educação que vise dar importância às vontades dos jovens, resultando num aprendizado participativo.

O modo de educação progressiva é marcado por um “sistema que prega que a educação deveria dar-se de baixo para cima, de dentro para fora, dando total liberdade ao aluno” (DEWEY, 1979, p. 10), para que esse possa aprender sem que ninguém lhe dite regras ou induza-o a fazer determinadas coisas que não são de sua vontade, podendo também ignorar todo e qualquer material que possa vir a influenciá-lo num modo que este aluno não tenha liberdade de escolha. Dessa forma, compreende-se que muitas escolas novas tendem a:

Dar pouco ou mesmo nenhuma importância à organização da matéria de estudo; a proceder como se qualquer forma de orientação pelo adulto constituísse invasão à área da liberdade individual, a considerar que a idéia de que a educação deve interessar-se pelo presente e futuro significassem que o conhecimento do passado tenha pouco ou nenhum papel na educação. (DEWEY, 1979, p. 10)

Ocorre que não há essa ligação entre as experiências passadas, as presentes e as futuras. O que se aprende, aprende-se de forma isolada, não havendo assim um processo educativo contínuo. Esse modo é caracterizado pela individualidade, ou seja, cada indivíduo busca aprender por si, por experiências particulares, visando a um amadurecimento pessoal, fato esse que não ocorre no sistema tradicional.

Dewey (1979) apresenta sua crítica a esse sistema, tendo em vista esse excesso de liberdade, quando se rejeita esse controle externo. O problema, neste caso, é como achar os fatores de controle inerentes ao processo de experiência, quando se refugia a autoridade externa. Não se recomenda que toda a autoridade deva ser rejeitada, mas antes deve-se buscar fonte mais efetiva.

Os princípios gerais desse novo modo de educação, por si, não resolvem nenhum dos problemas práticos e concretos de condução e direção de escolas, pelo contrário, acabam gerando mais problemas, que posteriormente se tentará resolver com base na experiência.

Do mesmo modo, quando se trata do excesso de liberdade, é preciso saber das condições em que a escola será capaz de fazer com que isso se efetive ou ocorra “[...] sem que o jovem se torne rebelde e não seguidor da ordem vigente e que por si só busque o desenvolvimento educacional, moral, ético e social” (DEWEY, 1971, p. 48).

Continuidade e interação

Em praticamente todo processo educacional proposto por Dewey (1971), encontramos dois fatores importantes na experiência educativa. A esses fatores denomina-se continuidade e interação.

Continuidade

O processo educativo necessita de determinado grau de continuidade no desenvolvimento educacional no que diz respeito ao aprendizado. Deve haver uma ligação entre as experiências passadas e as momentâneas, que posteriormente influenciará no futuro de cada experiência, em que “[...] cada experiência atua em certo grau sobre as condições objetivas em que decorrem as novas experiências” (DEWEY, 1971, p. 16).

O conceito de continuidade refere-se ao processo em que se dá a conexão entre as experiências que geram os hábitos, considerados quase como termos equivalentes.

No fundo, este princípio (continuidade) é o mesmo que do hábito, quando interpretamos o termo em sentido lato. Contudo, podemos perceber, no hábito, características em que toda experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer queiramos ou não.

O conceito de hábito envolve a “[...] formação de atitudes tanto emocionais, quanto intelectuais; envolve toda nossa sensibilidade e modos de receber a todas as nossas condições que defrontamos na vida” (DEWEY, 1971, p. 26). A partir desse ponto de vista, o princípio de continuidade significa que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica, de algum modo, as experiências subsequentes.

Não há uma experiência presente que não esteja em relação com uma experiência passada, e essa, por sua vez, contribuirá no modo de ser das experiências futuras. Deve haver uma continuidade nessas experiências, principalmente quando tratamos do processo educativo de jovens. É de suma importância que o que se aprendeu em tempos ou conteúdos anteriores tenha uma continuidade no que se aprende agora e no que se verá no futuro, não que se deva focar na repetição, mas com base nos ensinamentos anteriores, construir o agora.

Busca-se ter um processo educativo que vise ao crescimento, no sentido de desenvolvimento, não apenas físico, mas intelectual e principalmente moral e ético, tendo em vista que um homem pode, como cita Dewey (1979), começar uma carreira de roubo, podendo, assim, crescer em tal direção e, pela prática tornar-se um excelente ladrão. Com isso “[...] a solução encontrada é que não basta crescimento: é necessário especificar a direção do crescimento, o fim para que ele se incline” (DEWEY, 1971, p. 27). É por isso que se deve ter presente a continuidade como critério pelo qual se discrimina experiência educativa e des-educativa, a partir de alguém que ajuda a ter consciência daquilo que realmente venha a contribuir na formação moral e ética de cada indivíduo.

Esse alguém, mais propriamente, o educador, segundo Dewey (1979), deve ser capaz de julgar quais atitudes são conducentes ao crescimento contínuo e quais lhe são prejudiciais, além de ser uma pessoa compreensível e simpática, fazendo com que “[...] o jovem seja apto a conhecer com mais facilidade a realidade que o cerca, tendo, assim, a capacidade de conceber idéias, formando uma educação baseada na experiência de vida” (DEWEY, 1979, p. 31).

Para Dewey (1979), essa vida se caracteriza mesmo em seus mais modestos aspectos, por essa força de duração ou resistência, que lhe permite renovar-se. A vida toda é uma longa aprendizagem, assim, a experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se percebem relações e continuidades antes não percebidas, mas vistas no agora, não em algo totalmente futuro:

Enquanto vivo, eu não me estou, agora me preparando para viver e daqui a pouco vivendo. Do mesmo modo eu não me estou em um momento preparando para educar-me e, em outro obtendo o resultado dessa educação. Eu me educo através de minhas experiências vividas inteligentemente (DEWEY, 1954, p. 10).

Assim, Dewey define a ideia de educação como sendo “[...] um processo e reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (DEWEY, 1954, p. 18).

Essa experiência de vida encontra muito mais dificuldade de se conduzir com êxito satisfatório nos moldes apresentados pelo autor do que como fora apresentado nos velhos padrões da educação tradicional, pelo fato de também se respeitarem as vontades e anseios de cada jovem.

Nessa teoria que fora exposta, percebeu-se que a educação não é apenas preparação nem mesmo conformidade com a realidade pronta e acabada que se vive, mas educação é vida e deve estar arraigada no modo de agir de cada aluno, buscando apresentar sempre uma visão crítica e criativa da realidade que se vive. Busca-se, assim, o protagonismo na história, não como libertinagem, mas de modo consciente e responsável, e com o auxílio da escola, não como fonte única, esses jovens consigam exercitar a prática do conhecimento. Portanto, esse viver é desenvolver-se, é crescer. Vida e crescimento não estão subordinados a nenhuma outra finalidade, a não ser mais vida e mais crescimento. Como vimos, através dos hábitos, segundo Dewey (1958), a educação, como reconstrução contínua da experiência fica assegurada como atributo permanente da vida humana.

Interação

O fator de interação se dá no equilíbrio entre fatores internos e fatores externos na experiência, na relação do indivíduo com o meio. A educação deve estar atenta a estes fatores, tendo em vista a realidade em que o aluno se encontra.

Para que, de fato, haja uma verdadeira experiência educativa, os fatores internos da criança, como gosto, história de vida, crenças, jeito de ser etc., devem ser levados em conta e não serem impostos pelos fatores externos (imposição), assim, “[...] experiência somente é verdadeiramente experiência, quando as condições objetivas se acham subordinadas ao que ocorre dentro dos indivíduos que passam pela experiência” (DEWEY, 1971, p. 33). Do contrário, é muito difícil se constatar que realmente houve experiência, pois não se considera a subjetividade do indivíduo relacionada às influências externas, tendo presente que as condições objetivas não devem desaparecer, pois participam da experiência.

É nesse sentido que, como expressamos anteriormente, a escola tradicional erra pelo fato, não pela ênfase aos fatores externos, mas por pouco considerar os fatores internos, o que de fato não há é esse equilíbrio, essa interação, entre esses fatores que são de suma importância no desenvolvimento intelectual de cada jovem. Do mesmo modo, a educação progressiva comete erros ao propor essa extrema liberdade, levando em conta somente os fatores internos e dando pouco valor aos fatores externos.

Com grande relevância, deve-se dar atenção ao meio, ou ao ambiente em que o jovem se encontra.

Esse ambiente deve ser formado pelas condições, quaisquer que sejam, em ligação com as necessidades, desejos, propósitos e aptidões pessoais de criar a experiência em curso. Dewey afirma que mesmo quando a pessoa imagina castelos no ar, está em interação com os objetos que sua fantasia constrói (DEWEY, 1971, p. 37).

Assim, toda vez que ocorre essa violação dos fatores internos e externos, acaba não ocorrendo o processo de experiência na educação do jovem. Somente havendo uma verdadeira interação entre esses fatores é que se pode afirmar que realmente há experiência educativa, que

resultará, conforme sustenta o autor, na busca da formação de uma personalidade integrada, que visa edificar o mundo como um universo de objetos em constante relação. “Continuidade e interação em ativa união uma com a outra dão a medida da importância e valor educativos da experiência (DEWEY, 1971 p. 38).

Considerações finais

Ao final desta pesquisa teórica, reconhece-se que o conteúdo não se esgota somente aqui e que o ser humano é um ser que se constrói diante das experiências que vai tendo durante a sua vida, ou seja, um constante construir-se e construir a vida.

O presente artigo buscou tratar dos modelos de escola presentes na sociedade, aos quais Dewey também apresenta sua crítica aos erros cometidos por cada uma e aponta possíveis soluções à educação tradicional e à educação progressiva. Cada um desses modelos é caracterizado por métodos próprios, que tendem ao melhor meio de proporcionar educação às crianças e aos jovens.

A educação tradicional é voltada a um sistema de imposição e forte manifestação de autoridade por parte dos mestres, sendo que os mais interessados nesse processo são as crianças, pouco importando o que elas pensam ou quais suas vontades, não se levam em conta os fatores internos. Na educação progressiva, vemos uma contrariedade ao modelo tradicional. Tende a dar total liberdade à criança, fazendo com que ela própria possa fazer suas escolhas, independente das influências externas.

Para Dewey (1954, 1971, 1979), o ponto principal é a interação entre esses fatores internos e externos, além da continuidade no processo educativo das crianças, fazendo com que as experiências vividas se tornem hábitos educativos que proporcionam a boa formação do indivíduo, nesse caso, das crianças.

Percebemos que, se tratando de uma pesquisa conceitual teórica básica, com uma abordagem do problema de modo qualitativo, com procedimentos técnicos bibliográficos, pôde-se apresentar os principais argumentos e as propostas de Dewey. Como antes expressado, não se buscou resolver problemas da ou na educação atual, nem apresentar críticas a sistemas relacionados à educação atual.

Espera-se ter contribuído, também, para desfazer o entendimento equivocado de que Dewey seja um teórico da escola progressiva. Contribui-se, de algum modo, com esse movimento, por meio de suas críticas à educação tradicional, suas críticas parecem ter sido ainda mais contundentes contra os excessos dessa chamada educação progressiva.

Referências

AMARAL, M.N.C.P. **Dewey: Filosofia e Experiência Democrática**. São Paulo: Perspectiva IEDUSC. 1990.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEWEY, John. **A Filosofia em Reconstrução**. Tradução Eugênio Marcondes Rocha. São

Paulo: Companhia Editora Nacional. 1958.

_____. **Democracia e educação:** Introdução à filosofia da educação. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1959.

_____. **Experiência e Educação.** São Paulo: Ed. Nacional, 1971.

_____. **Experiência e Natureza.** Tradução de Anísio S. Teixeira. São Paulo: Abril Cultura. 1979.

_____. **Vida e Educação.** São Paulo: Melhoramentos, 1954.

EDMAN, Irwin. **John Dewey:** sua contribuição para a tradição americana. Tradução Stella C. L. Tostes. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1960.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova.** 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

TEIXEIRA, A. **A pedagogia de Dewey.** In: DEWEY, John. **Vida e educação.** 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.